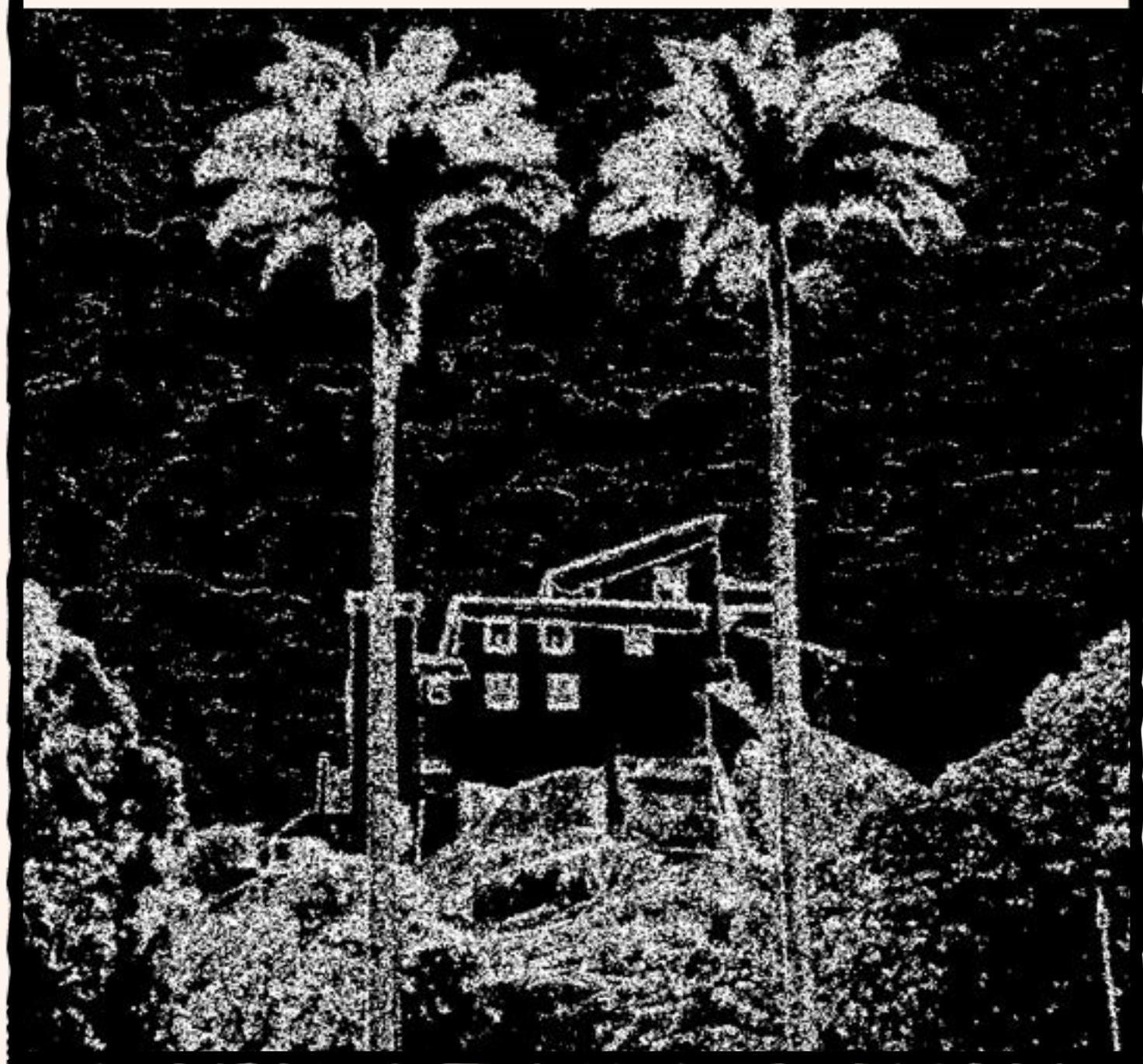


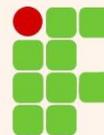
Rodrigo Dantas  
Vanildo Stieg

E aí,  
No Espírito Santo  
tem cordel?





PROFLETRAS



INSTITUTO FEDERAL  
ESPÍRITO SANTO

Rodrigo Dantas

Vanildo Stieg

**PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL  
EM LETRAS – PROFLETRAS**

## **EDITORA DO IFES**

Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Espírito Santo  
Pró-reitoria de Extensão e Produção  
Av. Rio Branco, 50, Santa Lúcia  
Vitória-ES, CEP: 29056-255  
Tel.: (27) 3227-5564

## **PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

Av. Vitória, 1729, Jucutuquara, Vitória-ES.

### **COMISSÃO EDITORIAL**

Antônio Carlos Gomes  
Eudma Poliana Medeiros Lisbon  
Luciano Novaes Vidon  
Regina Godinho de Alcântara

### **DIAGRAMAÇÃO**

Farrel Kautely

### **PRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO**

Programa Profletras/ Ifes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo)

S586a Silva, Rodrigo dos Santos Dantas da.  
E aí, no Espírito Santo tem cordel? [recurso eletrônico] / Rodrigo dos Santos  
Dantas da Silva, Vanildo Stieg. – 1. ed. - Vitória : Instituto Federal do Espírito  
Santo, 2021.  
49 p. : il. ; 30 cm.  
  
ISBN: 978-65-89716-54-9 (*E-book*)

1. Leitura – Estudo e ensino. 2. Literatura de cordel brasileira . 3. Escrita –  
Estudo e ensino. 4. Dialogismo (Análise literária). 5. Literatura infantojuvenil. 6.  
Língua portuguesa (Ensino fundamental). I. Stieg, Vanildo. II. Instituto Federal  
do Espírito Santo. III. Título.

CDD 21 – 372.4

Elaborada por Ronald Aguiar Nascimento – CRB-6/MG - 3116

## **IFES - CAMPUS VITÓRIA**

HUDSON LUIZ COGO

Diretor Geral

MÁRCIO ALMEIDA CÓ

Diretor de Ensino

CHRISTIAN MARIANI

Diretor de Extensão

ROSENI DA COSTA SILVA PRATTI

Diretora de Administração

MÁRCIA REGINA PEREIRA LIMA

Diretora de Pesquisa e Pós-Graduação

LETÍCIA QUEIROZ DE CARVALHO

Coordenadora do Profletras

## BELEZA PURA: APRESENTAÇÃO

Este caderno pedagógico foi produzido a partir de uma pesquisa realizada no contexto de meus estudos de Mestrado em Letras no Profletras/Ifes/Vitória/ES entre os anos de 2019 e 2020 sobre a literatura de cordel no Espírito Santo, e contém uma seção produzida dialogicamente em parceria com um grupo de estudantes do 8º ano V01 da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Francelina Carneiro Setúbal”. Devido à pandemia de Covid-19 que se instaurou nas sociedades a nível mundial, esse trabalho aconteceu entre os meses setembro e outubro de 2020, de forma híbrida e com um número reduzido de estudantes: primeiro, remotamente, a partir de diálogos e rodas de leitura via plataforma Meet; em seguida, presencialmente alinhando produções textuais, lendo e analisando folhetos de cordel capixaba. Trata-se de um material destinado às crianças e jovens que estão no Ensino Fundamental e que pode acrescentar o estudo de folhetos de cordel a partir de produções capixabas.

A literatura de cordel, enquanto enunciando, é um evento discursivo e concreto de comunicação que está para além da palavra ou de sua forma – sendo uma produção interligada às situações cotidianas, envolvidas de historicidade e sentidos reais. Busca-se dialogar, tanto no trabalho com os estudantes e sugestões de atividades, com os preceitos de Bakhtin e o seu Círculo, pelo dinamismo cultural que esse gênero traz. Por isso, ele acaba servindo de espelho para um outro (o interlocutor) que, possivelmente, terá ali muitas de suas vivências, leituras e memórias refletidas e ressignificadas. Mira-se um olhar para esse gênero discursivo como uma experiência dialógica, que se dá em função de interação e produção de efeitos de sentidos. O material visa também trazer à luz o histórico desse gênero discursivo, cordel, no Brasil e, sua possível chegada ao Espírito Santo. Conta também com uma minibiografia de alguns cordelistas capixabas e um link com seus folhetos digitalizados para leitura, consulta e análise pelos estudantes e professores que venham se interessar por essa temática.

O caderno pedagógico ainda possui material com sugestões pedagógicas para professores que desejam trabalhar com literatura de cordel capixaba em suas aulas de língua portuguesa em uma perspectiva dialógica: valorizando as experiências dos estudantes em atuações discursivas, colocando a palavra viva “slovo” como centro do desenvolvimento das atividades. Ressalta-se que as propostas não visam criar livros, folhetos ou “pequenos cordelistas capixabas”, todavia valorizar a leitura oral de folhetos e experiências do dia-a-dia em suas produções textuais, tornando-os enunciados concretos – indo além de um apunhado de palavras estruturadas em versos – mas promover, ao mesmo tempo, uma reflexão para trabalho com os aspectos linguísticos e extralinguístico: a realidade, a vida.

Entende-se que um cordel não se constitui apenas de uma estrutura determinada, ele traz também as experiências de seu produtor a partir do seu estilo de fala, escrita e também pelo modo como ele vê a vida e julga seu contexto – uma unidade de comunicação eticamente configurada, situada historicamente, sociológica e dialógica, por isso, tão importante evidenciar a voz aos cordelistas capixabas em sala de aula.

E aí, no Espírito Santo tem cordel?

## **SOBRE OS AUTORES**

### **Rodrigo dos Santos Dantas da Silva**



Mestrando do Mestrado Profissional em Letras (Profletras), do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), campus Vitória; especialista em Educação e Direitos Humanos pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES, 2017); graduado em LetrasPortuguês pela Multivix, município de São Mateus, Vitória-ES (2014) Participa como ouvinte, sem vínculo de orientação, do Grupo de Pesquisa Literatura e Educação (UFES/CNPq). Atua desde 2015 como professor de língua portuguesa da Rede Estadual do Espírito Santo (SEDU). Em 2019, publicou *Vello* pela Sangre Editorial – uma antologia poética com contos, crônicas e até rascunhos.

E-mail: [dyghusoueu@gmail.com](mailto:dyghusoueu@gmail.com)

## Vanildo Stieg



Professor, Pesquisador e Escritor. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES (2012). PósDoutorado em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. Membro do Grupo de Estudos Bakhtinianos (GEBAKH/PPGEL). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em processos de apropriação de Língua Portuguesa (GEPALP/UFES/CE/CNPq). Vivência em todos os níveis da Educação Escolar (Infantil, Fundamental, Médio e Superior – Graduação e PósGraduação) bem como em espaços não escolares. Vivência como Coordenador Pedagógico em Escola Pública (Linhares/ES) e como Coordenador Pedagógico Geral em rede de ensino Público Municipal. Atuação em Coordenação de Curso de Pedagogia, Coordenador de Estágio Supervisionado e em Direção Acadêmica no Ensino Superior. Formador de Professoras(es) alfabetizadoras(es) no Estado do Espírito Santo, pelo PNAIC/MEC/NEPALES/UFES – período de 2013 a 2016. Professor do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS/IFES/VITÓRIA/ES.

E-mail: [profdrstieg@gmail.com](mailto:profdrstieg@gmail.com)

## SUMÁRIO

BELEZA PURA: APRESENTAÇÃO	5
SOBRE OS AUTORES	6
SUMÁRIO	8
UM ROCK NAS AULAS DE PORTUGUÊS: POR QUE TRABALHAR COM CORDEL CAPIXABA NAS ESCOLAS DO ESPÍRITO SANTO?	9
CORDEL PODE TER TEMPERO CAPIXABA	10
SUGESTÕES DE ATIVIDADES DIALÓGICAS PARA PROFESSORAS E PROFESSORES QUE TENHAM INTERESSE EM TRABALHAR COM CORDEL CAPIXABA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA	12
SUGESTÕES DE ATIVIDADES	15
MÓDULO 1	16
MÓDULO 2	17
MÓDULO 3	18
É MASSA:	19
CATEDRAL DE VITÓRIA EM CORDEL	20
UM CORDEL PARA CONCEIÇÃO DA BARRA DO ESPÍRITO SANTO	22
CORONAVÍRUS	24
ANCHIETA: LITORAL DO SUL DO ESTADO	26
ESCOLA NÃO É LUGAR DE BULLYING	28
EM MULHER NÃO SE BATE!	29
COVID-19 EM CORDEL	31
MINHA QUERIDA VILA VELHA	33
UM CORDEL PARA GUARAPARI	34
EVENTO GRANDIOSO	36
A LENDA DA PEDRA BRANCA EM POESIA DE CORDEL	38
MINIBIOGRAFIA DE ALGUNS CORDELISTAS CAPIXABAS	40
POCANDO FORA: CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
GLOSSÁRIO	47
REFERÊNCIAS	49

## **UM ROCK NAS AULAS DE PORTUGUÊS: POR QUE TRABALHAR COM CORDEL CAPIXABA NAS ESCOLAS DO ESPÍRITO SANTO?**

A literatura de cordel não é um gênero discursivo apenas presente no Nordeste, o cordel é um patrimônio cultural do Brasil e possível encontrar os folhetos em todas regiões do país. Inclusive, a Academia Brasileira de Literatura de Cordel, ABLC, fica no estado do Rio de Janeiro e foi fundada em 1988.

A literatura produzida no Espírito Santo nem sempre é evidenciada nas escolas e quando se trata de cordel, as referências são apenas nordestinas e esta literatura é ainda vista como de pouca qualidade, pois é muito ligada às práticas orais, como o repente. Todavia, o Espírito Santo possui escritores e poetas que produzem ou produziram esse texto literário, mesmo não tendo muito espaço para a recitação – a não ser em feiras de literatura e arte, quando estas acontecem.

A literatura de cordel é popular, porque interage diretamente com a vida e coloca em pautas realidades sociais e possui uma “[...] função social educativa, de ensinamento, de aconselhamento e não apenas de entretenimento ou fruição individual” (EVARISTO, p. 120, 2011), por isso é muito pertinente a entrada dos folhetos capixabas às escolas do Espírito Santo: primeiro como um incentivo para pensarmos sobre a nossa realidade a partir de nossos pares, os nossos conterrâneos; segundo, trata-se de uma vitalidade, a qual contribui para a educação, trazida nesses discursos, que são concretos, pois o cordel capixaba visa exaltar a história de um povo, seus monumentos importantes, lendas, praias, a natureza capixaba, nomes importantes e fatos diversos de um cotidiano.

Por conta dessas marcas culturais de várias partes de nosso estado, vê-se a necessidade de trabalhar literatura de cordel capixaba nas escolas do Espírito Santo. Trazer a voz dos poetas capixabas que fazem uso dessa produção poética trazem mais sentidos às aulas de português, pois as interlocuções sociais, possivelmente, serão mais representativas para os discentes do desse estado e contribuirão ainda mais para a produção de sujeitos que leem, escrevem, interpretam e olham criticamente para seu contexto.

## **CORDEL PODE TER TEMPERO CAPIXABA**

A literatura de cordel é um tipo de poesia popular impressa, a qual se popularizou em nosso país, inicialmente no Nordeste, a partir de sua venda em feiras, bancas, mercados e também eram enviados via Correios para todo o Brasil. Tem seus percussores os poetas trovadores da Idade Média entre os séculos XII e XVI na França, sendo uma poesia relacionada à música, visto que muitas pessoas desse momento não liam. Naquele contexto, o conteúdo desses textos trazia cenas populares, política, históricos e casos da corte.

O cordel no Brasil é uma herança de Portugal, pois se popularizou entre os séculos XVI e XVII nessa região, ainda Península Ibérica e chegando ao Brasil no período colonial. Diferentemente de nosso país, o cordel lusitano não tem uma estrutura fixa e podia ter em seu conteúdo: receitas, novelas, teatro, contos fantásticos, notícias (ABREU, 1999, p.21).

Salvador foi o primeiro lugar no país a receber esse gênero discursivo, lembrando que essa cidade foi capital em um período de nosso Brasil ainda colônia. E de lá o cordel se espalhou pela região nordestina e pelos quatro cantos do nosso país – se apropriando de características de nosso contexto, sobretudo na região do Nordeste a partir da prática oral de seus repentistas e folcloristas.

A literatura de cordel, seja aqui na França ou em Portugal sempre esteve relacionada com a prática oral. No período do Trovadorismo as informações desses textos eram memorizadas a partir das apresentações musicais, em Portugal, aqueles que liam, faziam a leitura desse material para aqueles que não dominavam essa prática. No Brasil, temos a recitação dos cordéis e as batalhas poéticas, os repentistas.

A estrutura do cordel brasileiro é diferente daqueles que foram produzidos na Europa medieval e, em Portugal principalmente, a literatura de cordel estava muito mais relacionada ao processo editorial desses textos (ABREU, 1999, p. 25), que um processo de manifestação poética e cultural. A literatura de cordel é também conhecida como folhas soltas na Espanha e literatura de cegos em Portugal.

Cordelista é a pessoa que compõe cordel em linguagem simples e acessível, assim como faz a sua recitação poética, podemos até lembrar de algumas semelhanças dos jograis dos trovadores do período medieval. Os cordelistas costumam escrever sobre situações concretas de nosso cotidiano: questões políticas, as lendas folclóricas, os casos, os problemas sociais, sanitários e, muitos deles também falam de amor.

Inicialmente, no Brasil, os folhetos foram impressos nas tipografias de jornais, depois os próprios poetas passaram a imprimir sua obra em suas tipografias. Os livretos eram vendidos em mercados públicos, feiras, praças. Havia cordelista que tinha até revendedor e enviava seu trabalho por todo o Brasil pelos correios. Antes de 1940, os cordelistas usavam figuras de artistas ou fotos de cartões postais como capa de seus livros; depois, começaram a imprimir suas capas com uma técnica chamada xilogravura. Atualmente, as capas do folheto superaram o carimbo e o material pode ser encontrado na internet e em suportes como blog ou em livros físicos.

A literatura de cordel se define estruturalmente e se populariza, na metade do século XIX. Leandro Gomes de Barros é considerado um dos primeiros cordelistas do país, publicando seus primeiros folhetos em 1893. Da mesma época temos Francisco das Chagas Batista e João Martins Athayde que produziam livretos.

Vários conteúdos são abarcados nos folhetos de cordel:

- Pelejas, os debates poéticos;
- Folhetos de circunstância, os quais trazem histórias semelhantes aos relatos jornalísticos;
- ABCs, poemas narrativos em que cada estrofe corresponde a uma letra do alfabeto;
- Romances, que trazem histórias com embates entre heróis e vilões, podem ser de vários estilos e, apesar dos poucos detalhes, possuem elementos de uma narrativa.

Os folhetos também possuem características gráficas pré-estabelecidas: “[...] 8 a 16 páginas, para as pelejas e poemas de circunstância; 24 a 56 para os romances (MARINHO e PINHEIRO, 2012, p. 26). No cordel o que geralmente vemos em sua composição seis versos de sete sílabas, os quais trazem rimas alternadas nos versos pares (2º, 4º e 6º versos). Os romances comumente são escritos em sextilhas, porém, temos folhetos com de sete ou dez versos, a depender do conteúdo que eles trazem.

A literatura de cordel é comumente encontrada nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, todavia há cordel em todo país, inclusive no Espírito Santo e sem perder a sua força popular. Supõe-se que a literatura de cordel chegou às terras capixabas após o processo de urbanização de São Paulo, entre os anos de 1951 e 1954 (Era Vargas): período de seca no Nordeste que fez milhares de nordestinos virem para o Sudeste almejando emprego e qualidade de vida. De São Paulo, estes migravam carregando também suas histórias e cultura tão empolgante.

A literatura de cordel do Espírito Santo não perde sua veia popular e tem como conteúdo a exaltação de nossos monumentos históricos, praias, fauna, flora, pessoas importantes para nossa terra, problemas sociais, política e até lendas capixabas. Alguns poetas se destacam na produção de cordéis capixaba, tais como Kátia Bobbio, Clério Borges, Teodorico Boa Morte Vitor Vogas, Fábio Pererê, Agnalberth Gonçalves Campos, Aécio de Bruim, Manuel Alves Barreto, Adenir Bernardino, dentre outros.

O cordel com tempero capixaba está presente em diversos suportes: livros, blogs, antologias, redes sociais – para além dos folhetos. E os cordelistas daqui muitas vezes podem ser encontrados em academias de letras do estado, mas ainda muitos só são conhecidos na região que vivem. A maioria não vive de cordel e produzem outros textos literários e, ainda, possuem um trabalho concomitante à escrita.

O cordel capixaba, em detrimento ao cordel nordestino possui estrutura poética tão tradicional, sendo mais flexíveis. Encontramos alguns folhetos com os próprios poetas ou em eventos de arte e literatura. Não temos aqui também uma prática de recitação popular ou repentes tão proeminentes.

## **SUGESTÕES DE ATIVIDADES DIALÓGICAS PARA PROFESSORAS E PROFESSORES QUE TENHAM INTERESSE EM TRABALHAR COM CORDEL CAPIXABA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Traz-se ao material sugestões de atividade que podem ser executadas por professoras e professores de língua portuguesa com seus estudantes. Essas práticas pedagógicas, embasadas na literatura de cordel capixaba, não podem ser vistas como uma cartilha ou sequência em que o profissional a realize na íntegra, é importante que é preciso levar em consideração o contexto dos discentes, perfil da sala e as suas; é, portanto, importante adequar essas práticas à realidade educacional que se vive.

As propostas presentes tendem a colocar os folhetos de cordel do Espírito Santo como objeto de estudo da aula, visando promover aulas de leitura e produção de texto em um viés dialógico de linguagem – enxergando a língua como um produto social e histórico do falante, e esse está a se constituir continuamente a partir das interlocuções em uma atividade comunicativa, a aula em é considerada um evento discursivo. O movimento dialógico se conceberá a partir do momento que se indaga aos estudantes a todo momento da prática: “Vocês sabem o que é literatura de cordel?”; “No Espírito Santo tem cordel?”; “Já leram (ou escutaram) algo parecido?”; “Quais experiências do texto lido se assemelham (ou diferem) das vividas por vocês?”.

Aqui, concebe-se um texto de literatura de cordel como um enunciado concreto, independente de seu contexto de produção, precisamos dialogar com a categoria de gênero do discurso trazido por Bakhtin e o Círculo: [...] enunciados concretos (escritos e orais) relacionados a diferentes campos da atividade humana e da comunicação (BAKHTIN, 2011, p. 264) – logo, as várias realidades dos discentes podem envolver cordéis. O cordel, pelo pensamento bakhtiniano, precisa ser entendido como um enunciado artístico concreto: constituído por vivências do dia a dia, marcas axiológicas e ideológicas – capazes de potencializar a significação a partir da leitura de um sujeito leitor, inclusive esses sentidos podem ser alterados a cada vez que este leitor (re)visita esse texto.

Orienta-se que nesses movimentos de leitura e escrita, não se utilize das poesias em cordel como ‘pretexto’ para estudar outras disciplinas ou, na própria aula de Língua Portuguesa, cair na gramatização, pois um trabalho integral e dialógico com literatura de cordel visa “[...] explorar a percepção e a expressividade intelectual dos poetas populares e qualidades estéticas, dimensão lúdica, seu apelo social, suas tantas marcas líricas do gênero em relação ao meio” (PINHEIRO, 2008, p. 16), por isso, nessas sugestões busca-se pôr os estudantes como sujeitos atuantes do processo: instiga-se a pesquisa prévia, a discussão e análise coletiva dos folhetos correlacionando-se à vida. E para realização dessas traz-se a possibilidade de diálogo com textos multimodais como uma recitação de cordel e uma animação, almejando estabelecer não só as relações comunicativas, mas também as socioculturais capixabas que envolvem os estudantes.

É importante que essas explanações não fiquem no campo da explicação, e que elas sejam mostradas a partir dos cordéis. Mas lembre-se, é uma possibilidade, não uma obrigação. Ressalta-se, ainda, que se faça uma ação a qual se vislumbre um

interlocutor, todavia isso não pode acontecer de uma forma genérica e precisa superar o conteúdo: quais os possíveis temas dessa materialidade podem ser expostos no cordel, por que motivo, como colocar isso no texto a fim de que outro se sinta tocado ou representado – nessa perspectiva enunciativa, pensar em possíveis interlocutores e nas maneiras de dizer é superar a forma, e a realidade é entendida como um ponto de partida para futuras reflexões e entendimentos.

Além do respeito ao seu meio de trabalho e perfil dos estudantes, o gênero discursivo cordel deve ser mostrado aos estudantes não apenas como uma estrutura métrica ou configuração poética determinadas, pois “[...] a cultura popular tem vitalidade e riqueza de experiências. Privar os alunos de seu conhecimento é empobrecê-los cada vez mais” (PINHEIRO, 2018, p. 103) – deve-se evidenciar nas aulas as experiências de seu produtor a partir do seu estilo de fala, escrita e também pelo modo que ele vê a vida. Além disso, pelo dinamismo cultural que esse gênero traz, deve-se dar voz e vez aos estudantes para que eles se coloquem discursivamente diante dos textos lidos. Nessa concepção dialógica de ensino de leitura e prática de escrita, o cordel, enquanto gênero discursivo, é espelho para um outro (o interlocutor) que, possivelmente, terá ali muitas de suas vivências, leituras e memórias refletidas que devem ser compartilhadas na aula, pois os estudantes vão se constituindo, se formando intelectualmente nesses processos de linguagem:

O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão da palavra ao outro, por mais silencioso que seja o “dixi” pelos ouvintes [como sinal] de que o falante terminou (BAKHTIN, 2011, p. 275).

Nessa perspectiva de trabalho, os enunciados são dialógicos por natureza e as interlocuções dos sujeitos se dividem em uma eterna relação de um “EU” para o “OUTRO”, as sugestões pedagógicas aqui se dão alternância dos sujeitos que comungam responsivamente dos discursos – sejam eles produzidos pelos próprios estudantes, coletivamente ou na leitura dos cordéis. Dessa maneira, o dialogismo ocorre, pois um enunciado, por mais significativo e acabado que pareça ser, tende a se completar em uma configuração discursiva ininterrupta (VOLÓCHINOV, 2018), ou seja, um coro de vozes sociais que o compõem e percorrem esse enunciado vivo

A literatura de cordel é um enunciado concreto, pois é uma manifestação de uma língua orgânica e viva, envolvida por situações sociais de caráter discursivo, em uma tela histórica – manifestando-se como um espelho ideológico, uma configuração de imensurável vitalidade e de caráter socioideológico. Por isso, é importante que o trabalho com o cordel capixaba seja representativo para o estudante, porque este está intimamente ligado com a história de seu contexto, e isso acontece mesmo que ele não perceba.

Nos momentos de produção escrita, a vivacidade do cordel também precisa ser exposta: o professor precisa preocupar mais com a concretização das experiências de seus estudantes do que os traços composicionais típicos desse gênero (métrica, léxico, rima, estilo, jogo de palavras com paralelismo, musicalidade, metáforas), pois o objetivo não é produzir “cordelistas capixabas”

nesse trabalho, contudo contribuir para a produção discursiva contínua, compreendida por uma coletividade social, na qual seu “acabamento” se relaciona com particularidades ocasionais e singulares pertinentes às experiências discursivas reais e cotidianas (VOLÓCHINOV, 2018).

Para facilitar o trabalho com cordel capixaba e compartilhar a voz de nossos cordelistas, ao final das sugestões, há um link contendo contato de alguns poetas e cordelistas do Espírito Santo, assim como folhetos capixabas que foram citados ou que podem ser lidos em sala com os estudantes. Pinheiro (2018), ressalta da importância de se criar antologias poéticas, visto que muito vezes o acesso à poesia pelo estudante é mínimo e se tratando de cordel capixaba, os quais muitas vezes não possuem uma segunda edição, são difíceis de serem encontrados. Pinheiro ainda fala da relevância de as propostas de estudo com cordel na escola seja em uma perspectiva de literatura em diálogo com diferentes gêneros literários e filmes para dinamizar as análises dos estudantes e comparações.

## SUGESTÕES DE ATIVIDADES

### TEMPO PREVISTO:

10 aulas.

### PUBLICO-ALVO:

Turmas do Ensino Fundamental II.

### OBJETOS DE CONHECIMENTO:

A partir de uma postura pedagógica voltada para a instauração dialógica com os estudantes, desenvolver: Estratégias de produção de texto: planejamento, textualização e revisão; construção de textualidade; relação entre textos e, concretização da socialização dos textos produzidos.

### OBJETIVOS:

- Instigar a prática de leitura a partir de produções com rima;
- Utilizar a língua de forma coerente diante do gênero discursivo cordel;
- Identificar na literatura de cordel as marcas linguísticas que singularizam as variedades linguísticas regionais;
- Perceber as singularidades que compreendem esse gênero;
- Produzir poesia em versos de cordel;
- Analisar e reescrever os textos produzidos.

**METODOLOGIA:** Dinâmica de pesquisa prévia; momentos de apreciação com leitura e vídeos envolvendo narração e recitação de cordel; aula expositiva e dialogada (dinâmica de diálogo igualitário); exercícios de leitura de cordel; oficinas de produção textual (escrita e reescrita).

**MATERIAIS NECESSÁRIOS:** Material xerocopiado, data show, vídeos, folhas de papel kraft, folhas de papel ofício, barbante e pregadores de roupa.

## MÓDULO 1

### 1ª Oficina (02 aulas de 55 min):

- Pesquisa prévia – Solicitar anteriormente que os estudantes pesquisem sobre “Literatura de cordel”: origem, estrutura, características, cordelistas, temas presentes no texto, meios de circulação.
- Pedir para que os alunos registrem as fontes de pesquisas (sites, blogs, livros...).
- Iniciar a aula com a leitura compartilhada do cordel: *Em versos singelos*, Alexandre Pavan, após este momento instigar a discussão sobre as informações do gênero discursivo e o debate será alinhado com as intervenções do professor.
- Assistir aos vídeos:
  - [O caso do lobisomem – Animação em cordel](#),
  - [Mário Arruda declamando o cordel \*Chegada do lampião ao inferno\*](#);
- Analisar os vídeos coletivamente com os estudantes em paralelo ao cordel de Pavan que foi lido no início das aulas geminadas. Tenta-se explorar a partir do diálogo percepções dos estudantes sobre o sotaque, a temática, recursos multimodais da animação, a forma que o cordelista recita, jogo rímico da recitação oral, discussões sobre as lendas nacionais ou de nossas adjacências...
- Conclui-se a aula com a seguinte pergunta: “E no Espírito Santo tem cordel?”.

### 2ª Oficina (01 ou 02 aulas de 55 min):

- Aula de leitura com folhetos capixabas – em círculo os alunos lerão os cordéis escritos aqui no Espírito Santo: Kátia Bobbio, Aécio de Bruim, Teodorico Boa Morte, Manoel Alves Barreto, César Domiciano. Os alunos, inclusive, poderão trocar s folhetos;
- Folhetos capixabas digitalizados disponíveis em:  
<https://drive.google.com/drive/u/1/folders/1IWPSqYpz7Ob2bDptRm7cU3422aPgg7lu>;
- Após a leitura, buscar analisar coletivamente estes folhetos e buscar as concepções dos estudantes acerca da literatura de cordel no Espírito Santo.

### 3ª Oficina (01 aula de 55 min):

- Leitura compartilhada – Violência contra a mulher em cordel, Kátia Bobbio. Momento de leitura analítica a fim de produzir um parecer sobre as características deste cordel consoantes àqueles que são produzidos no Nordeste.
- Assistir ao vídeo:  
[Cordel do Peido: A Arte de peidar, Kátia Bobbio \(recitado pela própria Kátia\)](#)  
(Se houver a possibilidade, ouvir a recitação acompanhando no folheto).

## MÓDULO 2

### **4ª Oficina (01 aula de 55 min):**

- Aula explicativa envolvendo versificação – os conceitos de sextilhas e distribuição de rimas;
- Mostrar estes conceitos em fragmentos de cordéis lidos anteriormente.

### **5ª Oficina (02 aulas de 55 min):**

Laboratório de Produção Textual com literatura de cordel: Promover, após pesquisa prévia, estudos, leituras da literatura de cordel e análises, a produção de poesia em cordel; tentando atribuir as características que foram estudadas. Os estudantes podem enriquecer a produção de texto com variações linguísticas e situações pertinentes ao Espírito Santo. Ainda podem escolher um desses temas para envolver os textos: Bullying na escola, crítica ao contexto político que estamos vivendo, pontos turísticos capixabas, monumentos históricos ou cidades. Nesse trabalho, o estudante pode transformar uma piada em versos de cordel.

### **6ª Oficina (01 aula de 55 min):**

Laboratório de Produção Textual: Reescrita. – Apontar as inadequações mais comuns presentes nos textos produzidos pelos estudantes. Propor o momento de reescrita pelos estudantes a partir dos seguintes critérios: estrutura do cordel, distribuição de rimas, adequação de palavras, concordância, pontuação... – apontando-os e indicando possíveis soluções para a escrita.

## MÓDULO 3

### **7ª Oficina (01 aula de 55 min):**

- Confeção coletiva de um varal com os cordéis dos estudantes.

### **8ª Oficina (01 recreio de 20 min):**

- Recreio cultural: os alunos que se sentirem à vontade poderão recitar seus cordéis para o restante da escola e os pais dos estudantes podem ser convidados para esta apresentação.

### **9ª Oficina (01 aula de 55 min):**

- Se possível, promover um momento de conversa com algum cordelista ou poeta popular sobre a literatura de cordel. Espera-se que os estudantes percebam, a partir da voz do produtor, a importância da escrita e o papel do cordelista ao ‘concretizar’ nos folhetos uma realidade vigente;
- Na oportunidade, “os cordelistas” poderão recitar seus cordéis para o poeta popular ou compartilhar suas experiências de escrita.

**É MASSA:  
POESIAS EM CORDEL FEITAS POR ESTUDANTES<sup>1</sup> DO 8º ANO**

---

<sup>1</sup> As produções textuais aqui presentes foram autorizadas pelos responsáveis dos estudantes participantes a partir de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As ilustrações são produção dos estudantes que participaram da pesquisa e as "xilografuras" foram feitas com o auxílio da professora Berenice Pahins Pimenta a partir da técnica de isogravura.

## CATEDRAL DE VITÓRIA EM CORDEL

Júlia Sardinha Rosa, 8º ano Vo4



Xilogravura produzida por: Júlia Sardinha Rosa, 8º ano Vo1.

O ano era 1970 quando a  
Catedral era inaugurada,  
Depois de quase seis anos de construção  
Ela foi liberada  
Ao longo do ano ela foi segurada  
Por conta das modificações

Igreja santa, onde alguns  
Padres muito importantes  
Estavam enterrados  
Fato muito interessante  
Até vi um dedo amputado  
E acho um pouco horripilante

A igreja foi construída  
Onde uma outra era chamada  
de Igreja de Nossa Senhora da Vitória  
ela era colonial quando edificada  
quando Vitória se chamava Vila Nova,  
em 1551, ela foi transformada.

Hoje em dia ela é conhecida  
Por festas e casamentos  
Luxuosos, diria até grandiosos  
Nem todos vão lá por seu comportamento  
Precisam conhecer esse lugar sagrado,  
Abençoado: a missa é um acontecimento!

Lá foi nomeado o primeiro bispo  
Em 1895, chamado João Batista  
Dizem que ele deixa  
O povo abençoado na pista  
E ninguém tinha que reclamar,  
Porque ele era petista

A Catedral foi tombada  
por nosso Conselho Estadual  
de cultura, em maio de 1984  
Foi rezada até a oração universal  
Essa igreja é enorme  
E recebe até visita de escola municipal!

\*\*\*

Eu me chamo Julia Sardinha Rosa, sou cristã e flamenguista! Achei escrever cordel legal porque posso falar de nossa história!

## UM CORDEL PARA CONCEIÇÃO DA BARRA DO ESPÍRITO SANTO

Lucas Gabriel Daré, 8º ano V01



Xilogravura produzida por: Lucas Gabriel Daré, 8º ano V01.

Vamos falar de Conceição da Barra:  
Uma cidade muito bela  
Com várias coisas para se divertir  
Eu fiquei apaixonado por ela  
Onde muitos turistas vão visitar,  
Mas infelizmente, voltei para Vila Velha

Terra onde muitas pessoas sobrevivem da pesca  
Lá havia o Quiosque do Kaíque  
Era um lugar muito bonito,  
Muito massa, muito chique  
Mas por causa de uma tragédia  
Ficamos muito tristes

Terra de várias pessoas famosas  
Como Bernadete Lyra e o Weedzão  
Bernadete Lyra é escritora e poeta  
E o Weed fala: “é o copo, doidão”  
De lá também é Katia Bobbio

Advogada, artista que faz cordel de montão

O melhor momento de Conceição da Barra  
é o carnaval  
o “bagulho é doido”  
é muito surreal  
melhor carnaval do estado  
uma festa sensacional

Um lugar de muitas festas  
Um lugar com muita alegria  
Um lugar que tem a melhor lanchonete do Brasil  
Que é a lanchonete da Tia Lia  
Comecei a gostar dela  
Com a simplicidade que tinha

Estudava na escola Mário Vello Silves  
Com professores muito massa  
Deixei pra trás vários amigos,  
Meus irmãos e camaradas. Não passa!  
Não vou deixar que Conceição da Barra  
em minha mente fique apagada.

\*\*\*

Meu nome é Lucas Daré, tenho 15 anos e moro em Vila Velha, mas nasci em Vitória.  
Aprendi muito lendo cordel! Aprendi outras linguagens. Eu escolhi escrever sobre  
Conceição da Barra, porque foi um lugar que m marcou muito!

# CORONAVÍRUS

Adrieli Vitória, 8º ano V01



Xilogravura produzida por: Adrieli Vitória, 8º ano V01.

A realidade é que estamos  
Em isolamento,  
Onde muitas famílias estão  
acabando, inclusive, casamentos  
Descobrimos que não temos nem  
mesmo um bom relacionamento

É um momento muito ruim,  
porém ele pode ser ótimo  
para descobrirmos quem  
temos sido no nosso íntimo,  
com as pessoas ao redor  
e, principalmente, com os mais próximos

É hora de refletir, querer mudar  
E se esforçar para melhorar  
É o momento de lembrar de quando  
nem mesmo queríamos estudar,  
e hoje morremos de saudades  
de dar aquele abraço e de apertar  
Vamos refletir para melhorar  
E não ser como as ondas do mar  
ora quer melhorar, ora quer ser  
como antes. É preciso nos moldar  
para que quando tudo isso passar,  
sejamos melhores para agradar

Nós vamos pocar, quando  
Tudo isso passar  
Hoje não podemos nem ir à praia,  
mergulhar naquelas águas do mar  
de Itaparica, para evitar aglomeração  
e ninguém se contaminar

Vamos dar valor um dia ao  
que pudemos fazer, por enquanto  
ainda é pandemia.  
Aqui no Espírito Santo,  
Quando andarmos com encanto  
Vai ser até um espanto!

Então, vamos parar e analisar,  
Quem éramos e quem somos  
E quem seremos quando acabar  
Deixo esse cordel para pensarmos:  
sairemos dessa para reclamar  
ou melhorar iremos?

\*\*\*

Eu me chamo Adrieli Vitória, tenho 14 anos. Nasci em Macaé e morei lá até os meus dois anos de idade. Morei em Campos de Goytacazes, até os meus 12 anos, quando vim para Vila Velha. Eu gostei muito de fazer cordel! Foi minha primeira vez e gostei de ler cordéis, como os da Kátia Bobbio. Foi uma experiência ótima, porque eu aprendi sobre uma cultura de poesia diferente.

## ANCHIETA: LITORAL DO SUL DO ESTADO

Vinícius, 8º ano V01



Xilogravura produzida por: Adrieli Vitória, 8º ano V01.

Eu cresci em Anchieta,  
Apesar de não ser nativo  
Sei que as praias de lá são lindas  
Um lugar muito significativo  
com suas tartarugas saindo do mar  
e botando ovos na areia, é divino!

O centro de Anchieta é bem movimentado  
Festivas as noites também são  
Em dia de show na praia  
O rock não tem duração  
Todo mundo dançando sem parar  
Gente de longe vem pra essa animação

Anchieta é uma cidade pequena  
Até parece uma linda roça  
Um lugar cheio de calor  
que combina com uma bossa  
sorte de quem mora na Praia do Além  
onde tem vento, minha nossa!

Na Praia de Ubu no início do ano  
Todo mundo vestido de branco  
Antes da meia-noite  
Tem casal formando  
Pulando sete ondas  
E promessas exclamando

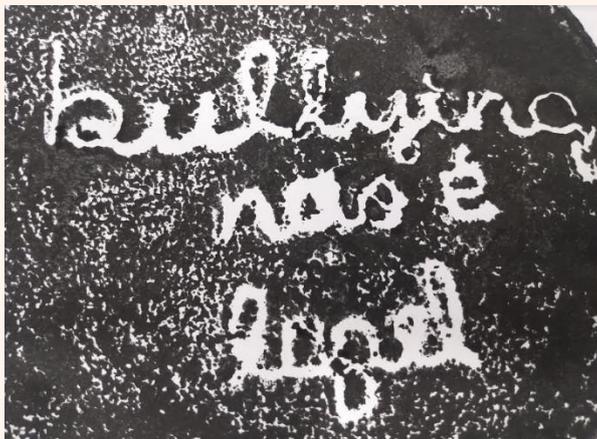
Dias depois da virada vem a desova  
É o espetáculo do ano:  
Tartaruginhas saem dos ovos  
no Sul do estado esse é o encanto  
outra praia paradisíaca  
é a Praia de Castelhanos

\*\*\*

O meu nome é Vinícius Basílio Lopes, sou geminiano, tenho 16 anos e moro em Vila Velha com meu pai. Mas sou de Anchieta e é sempre bom falar do meu lugar!

## ESCOLA NÃO É LUGAR DE BULLYING

João Vitor da Costa, 8º ano V01



Xilogravura produzida por: Adrieli Vitória, 8º ano V01.

Escola é um lugar que se aprende  
é cobrado, ensinado e até reprovado  
e vou falar pra vocês  
às vezes a gente sai até 'bullyinado'  
as nossas amizades não mais importantes  
mas tem gente que te deixa magoado

Já sofri bullying uma vez,  
Porque na escola também tem racista  
Escola não é lugar de bullying  
Hoje não sofro com os comentaristas  
**BULLYING NÃO É LEGAL!!!**  
Fogo nos racistas!

Não quero ficar parado  
Chatice bullying no fundamental e no médio  
Nós já estamos cansados  
Fazer bullying é caso sério  
Não é engraçado ficar triste  
Venceremos os seus privilégios!

\*\*\*

Eu sou o João Victor Costa Nascimento, tenho 13 anos. Moro em Vila Velha, no bairro Santa Mônica e sou capixaba! Achei muito massa fazer um cordel sobre bullying, porque muitas pessoas sofrem com isso na escola, mas têm medo de falar.

## EM MULHER NÃO SE BATE!

Julio Cezar, 8º ano V01



Xilogravura produzida por: Gabriel Souza Chiabai, 8º ano V01.

A Lei Maria da Penha está aí  
Não veio para matar o agressor  
Mas sim para punir  
Toda mulher tem futuro promissor  
Toda mulher tem direito de viver  
Sem violência, longe do malfeitor

É só ter um pouco de senso  
Em mulher não se bate  
Mulher não é saco de pancadas  
O cara que bate é covarde  
Não se bate nelas por nada  
Que sua lei te guarde

Muita mulher apanhou  
Antes dessa lei existir  
não tinha uma lei para o maldito agressor  
e vítima não tinha como agir  
não tinha como proteger a mulher  
Hoje é uma lei que nos faz resistir

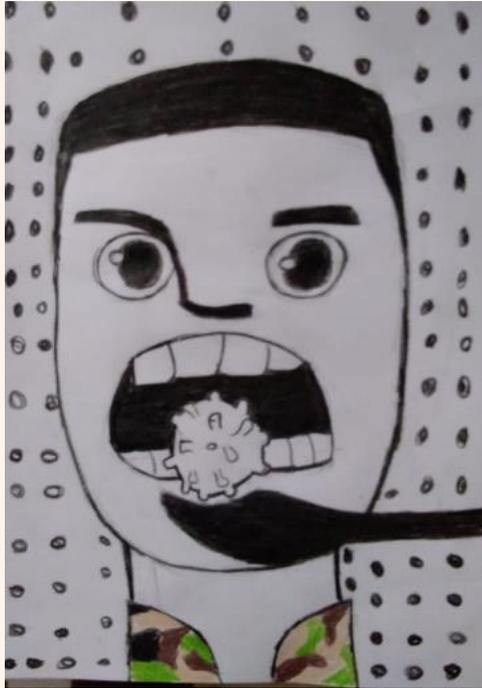
Não tem conversa em quem bate em mulher  
Esse homem vai pra cadeia  
Não tem argumento que possa te defender  
Respeitem nossas sereias  
Seja rico ou seja pobre  
Se bater nela, justiça te encadeia!

\*\*\*

Eu sou o Júlio, tenho 15 anos e moro em Vila Velha, mas paraense! Achei muito bom aprender um pouco mais da cultura nordestina, só que no Espírito Santo.

## COVID-19 EM CORDEL

Gabriel Souza Chiabai, 8º ano V01



Xilogravura produzida por: Gabriel Souza Chiabai, 8º ano V01.

Covid-19, em 2020 uma pandemia mundial  
Aula on-line e quarentena  
Nem tenho vontade de ligar o jornal  
Só notícia ruim, até fico com pena  
Na crise pedem auxílio emergencial  
Tem desempregado fazendo tattoo de hena

O capixaba não vê a hora de sair para a rua  
Acabou o rock para o cidadão  
Cidade cinza e iluminada pela lua  
Aí que saudade de uma aglomeração  
Não importa o que aconteça, continua  
Com um monte de ideias amontoadas na mão

Já explodiu o limite do estado emocional  
O “estado” do governo estadual apareceu no Datena  
Todo dia mais gente no hospital  
Dentro do planalto, no alto do planeta  
Nem tem gente de consciência plena  
Andar mascarado já virou normal

Espero que essa peste diminua  
Falam que foi por economia, Teoria da Conspiração  
A verdade é mais bonita nua  
Mesmo que seja densa como o Monte Sião  
Vale menos uma verdade suja ou mentira pura?  
A ignorância política é “uma bênção”

Faz o isolamento direitinho  
e se cuida, meu irmão  
esse cordel acabou  
um beijo e passa álcool na mão  
e não posso ir na Pracinha de Coqueiral  
com R\$ 1,00 comer o famoso pastelão!

\*\*\*

Meu nome é Gabriel Souza Chiabai, tenho 13 anos e nasci em Vitória. Foi uma experiência muito legal fazer esse cordel, porque, além de eu conhecer um novo tipo de escrita, eu também pude me expressar sobre o que estava acontecendo!

## MINHA QUERIDA VILA VELHA

Caroline Vitória de Almeida Araújo, 8º ano V01



Xilogravura produzida por: Caroline Vitória de Almeida Araújo Adrieli Vitória, 8º V01

Não nasci em Vila Velha  
Sou se quer natural cidadão  
Daqui vejo a igrejinha da Penha  
Te trago no meu coração  
Até nas suas vielas  
Você me traz inspiração

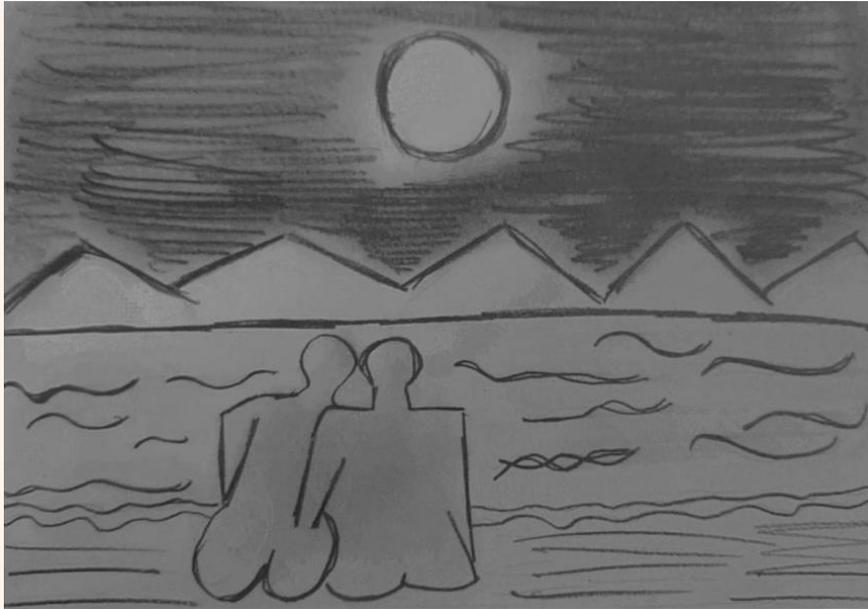
Suas ruas não bem tratadas  
Às vezes alaga e nem estão limpas  
suas águas com esgoto maltratadas  
mas eu te acho muito linda  
com suas Praças e a Prainha  
à minha querida Vila Velha, seja bem-vinda!

\*\*\*

O meu nome é Caroline Victória de Almeida Araújo, tenho 15 anos e sou capixaba de Vitória. Curti muito fazer esse cordel para Vila Velha!

## UM CORDEL PARA GUARAPARI

Ana Luiza Castro, 8º ano V01



Xilogravura produzida por: Ana Castro, 8º V01

Numa noite bela  
e bem radiante  
Na cidade de Guarapari  
Sob Luar de Diamante  
Maravilhas, nunca vi  
Lugar tão interessante

Na Praia dos Namorados  
Encontrei um grande amigo  
Águas geladas  
Pra mim foi um castigo  
O céu de estrelas salpicadas  
Por aqui eu sigo

Conhecendo outras praias  
De ondas beirando a areia  
Muitos biquinis e minissaias  
Moças belas e trigueiras  
Maravilhas, nunca vi  
As Três Praias tão faceiras

A Praia do Morro majestosa  
E de um movimento constante  
Com sua brisa fresca e gostosa  
Atraindo visitantes  
Maravilhas, nunca vi  
Lugar tão interessante

Surge a lua por trás dos montes  
Iluminando a natureza  
Praia das Virtudes enfeitando o horizonte  
Tudo é pura beleza  
Maravilhas, nunca vi  
Guarapari e suas grandezas

De paisagens paradisíacas  
suas lindas praias chamativas  
praias de rara beleza  
Aquela de areias pretas radioativas  
Outra com águas azuladas e transparentes:  
A belíssima Praia de Setiba.

\*\*\*

Oi, o meu nome é Ana Luiza Castro, tenho 14 anos e sou capixaba. Nasci em Guarapari e moro atualmente em Vila velha. Eu achei uma experiência beeeem radical escrever cordel, porque tem que ser muito delicado em relação as rimas e combinação de palavras. Mas, amei demais!!

## EVENTO GRANDIOSO

Júlia Bremer Vieira, 8º ano Vo1



Xilogravura produzida por: Júlia Bremer, 8º Vo1

Em meio ao caos  
Mais um ano de votação  
Aquela velha história  
Muita promessa e pouca ação  
Bem-vindos! É ano de eleição  
Agora e só prestar a atenção

A real situação  
É apenas ter noção  
Só nos resta pesquisar  
E não deixar se levar pela corrupção  
É de importância danada, meu irmão

Essa época determina:  
Consciência vale ouro  
Se não vota, perde a chance  
Título eleitoral é tesouro  
Nossa nação pede mudança  
Hino do Brasil em um só coro

Em casa o lema é outro  
Candidato é precioso  
Não tem covid, nem pandemia  
Para eleitor estudioso  
Fica a boa intenção para esse evento grandioso

Continuemos firmes  
Nessa busca incansável  
Lutando por melhorias  
Mesmo que pareça impossível  
Acreditado que tudo pode mudar  
Depois do ato inadmissível

Cada um com sua fé  
Pedindo que Deus nos proteja  
Que nossos municípios merecem  
Alguém que nos veja  
Coisa boa para nosso povo  
É que um bom mandato seja.

\*\*\*

Meu nome é Júlia Bremer Vieira e tenho 14 anos e sou mineira. Bom... Escrever um cordel foi algo bem diferente, por conta de sua estrutura. Foi muito legal ler cordéis, discutir e tirar dúvidas! Mesmo isso acontecendo pelo Meet. A cordelista que eu mais gostei foi a Kátia Bobbio!

## A LENDA DA PEDRA BRANCA EM POESIA DE CORDEL

Guilherme Souza Leite, 8º ano V01



Xilogravura produzida por: Guilherme Souza Leite, 8º V01.

Vou falar de onde eu morava,  
Lá de Pedra Branca uma história  
Um caos entre portugueses e índios  
Então guarde na memória!  
Hoje moro em Vila Velha  
mas preste atenção nessa trajetória

Em um dia qualquer  
Aconteceu uma presepada  
Um fato muito curioso:  
Índios tiveram suas pedras roubadas  
E até hoje muitos lembram  
Dessa história carregada

Ela é passada de geração em geração  
Muitos duvidam da veracidade  
Pensam que é mentira  
Mas acho que é verdade  
Os índios tiveram quietos  
E os portugueses tiveram piedade

Todos contam essa história:  
Lá no meio do mato  
Moravam os indígenas  
Muitos índios morreram  
Realmente muito triste esse ato

Os portugueses roubaram a pedra branca  
Os índios ficaram arrasados  
Com essa barbaridade  
E muitos fatos criados  
Que inventaram sobre essa história  
Sobre os portugueses malvados

Dizem que a pedra foi amaldiçoada  
Hoje reina a paz nesse vilarejo  
É um lugar muito calmo  
Onde tem muito forró e sertanejo  
Uma lenda de Domingo Martins  
Um lugar de muito cortejo!

\*\*\*

Eu me chamo Guilherme de Souza Leite, tenho 14 anos e escrevi esse cordel sobre Pedra Branca, pois morei lá por um tempo e escutava essa história. Gostei de fazê-lo, acho que ficou muito legal!

**MINIBIOGRAFIA DE ALGUNS  
CORDELISTAS CAPIXABAS**



Foto disponível em: <https://www.facebook.com/kbobbio>

**Kátia Bobbio** é uma cordelista natural de Conceição da Barra, uma das poucas mulheres do estado que faz poesia em cordel. É artista plástica, advogada e servidora pública. Já ganhou prêmios nacionais e internacionais, um deles em comemoração ao Dia Mundial da Literatura de Cordel embaixo da Torre Eiffel, e na Suíça. Atualmente, a artista mora em Vitória-ES. Alguns de seus cordéis já tiveram até 2ª edição e geralmente tendem a exaltar a natureza capixaba, como praias e montanhas; ou narrar a história de algumas cidades do Espírito Santo; monumentos históricos; personalidades importantes de nosso estado; temáticas engraçadas ou que contemplem problemáticas sociais.

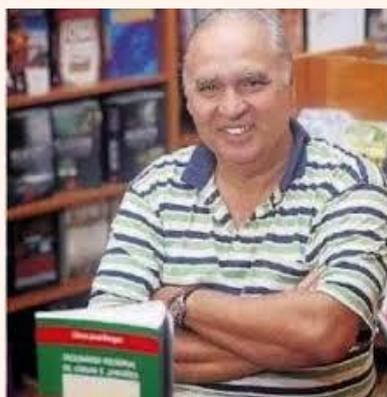


Foto disponível em: <https://clerioborges.com.br/>

**Clério Borges** é um poeta e trovador natural de Vila Velha e, atualmente, mora na Serra. Realiza no estado o encontro de Trovadores no Espírito Santo. Contista infantil publicava no “A Gazetinha”, organiza concursos de trovas em perspectiva nacional. Seu cordel “O Vampiro Lobisomem de Jacaraípe”, narra uma lenda desse bairro da Serra e já teve duas edições, uma em 1982 e outra em 2005. É um dos fundadores da Academia de Letras e Artes da Serra.



Foto: Edson Reis.

**Teodorico Boa Morte** é um multiartista da Serra: cordelista, músico e folclorista; lançou os cordéis *Insurreição de Queimado* e *Igreja dos Reis Magos, de Nova Almeida*. É descendente de negros e índios, nasceu em Retiro, distrito de Aracruz/ES. Atualmente mora em Nova Almeida, balneário da Serra.



Foto: A Gazeta.

**Vitor Vogas** é carioca, mas mora em Vitória. É jornalista do *A Gazeta* desde 2008 e faz análises políticas, inclusive já criou já criou uma personagem que mediava pelepas entre políticos. Em 2014, publicou uma narrativa infanto-juvenil em poesia de cordel, *Irmãos de leite*, que tratava de temas relacionados às desigualdades sociais.



Foto: Divulgação.

**Fábio Pererê** nascido e criado em Vitória é ator e contador de histórias. Escreveu um folheto com poesias em cordel baseadas em histórias quilombolas, escritas por Maciel de Aguiar: *Cordel Afro* (2019), que traz a vida de pessoas que foram escravizadas em São Mateus, norte do estado, no período colonial.



Foto: Acervo dos autores.

**Agnalberth Gonçalves Campos** é mineiro de Contagem, cresceu em Vitória e no Pará é um cordelista bastante conhecido. Atualmente mora em Vila Velha e em 2016 fez um cordel capixaba para fins de campanha política.

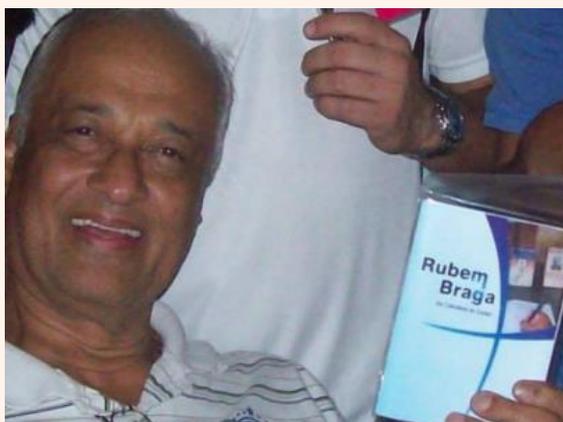


Foto disponível em: <https://www.facebook.com/aelcio.debruim>

**Aécio de Bruim:** Natural de Cachoeiro de Itapemirim, além de cordelista é professor aposentado de Língua Portuguesa. Publica, desde os anos 80, cordéis, crônicas, poesias e contos. Seu trabalho com cordel tem como conteúdo homenagens a artistas capixabas, em especial os cachoeirenses, além de histórias infantis em cordel.



Foto: Acervo dos autores.

**Manoel Alves Barreto (1923-2009):** baiano que publicava seus folhetos em Pinheiros, no norte do estado. Famoso Barreto também era repentista e trazia, geralmente, temas políticos em seus cordéis. Estou até a antiga 4ª série e, inicialmente, rimava com auxílio de dicionários. Faleceu em 2009 em decorrência do mal de Parkinson e, em 2011, o grupo de estudantes chamado Ressoar, da Escola “Nossa Senhora de Lourdes”, também no município de Pinheiros.



Foto disponível em: <https://www.facebook.com/cesardomiciano.domiciano>

**Cesar Domiciano** é paulista, mas há anos mora em São Mateus, região norte do estado. Além de poeta cordelista, também faz parte da Academia Mateense de Letras (AMALETRAS). É ator, educador e sua escrita retrata a natureza que envolve as adjacências de São Mateus, os animais, elementos de seu dia a dia; também a partir de seus versos em cordel, deu voz àquelas personagens que foram ignorados na história do Norte capixaba.

**Outros autores que também se destacaram na produção de cordéis capixabas:** Adilson Vilaça possui dois cordéis em seu livro “Quem é dono desta morte”(2020), que ainda será lançado; Wladimir Casé, nordestino que se radicou em Vitória, produziu alguns folhetos antes de se mudar para o Espírito Santo; Juacy Lino Feu, Pedro Maciel da Silva e Moacir Malacarne; Paulino Leite, em Ecoporanga, produz livros com versos em cordel contando a história de sua região; Maria do Carmo Conopca, publicou *O menino que nasceu aos 15* (2019), como produto educacional em sua pesquisa de mestrado; Célia Oliveira, que atualmente mora na Irlanda; Elmo Elton, conhecido como príncipe dos poetas, escreveu vários gêneros discursivos, inclusive cordel; Hermógenes da Fonseca, fez uso do processo editorial parecido com a impressão de folhetos; Adenir Bernardino, carpinteiro que veio do interior para Vitória, onde publicou cordéis evidenciando a capital.

## **FOCANDO FORA: CONSIDERAÇÕES FINAIS (QUE PODEM SER CONTINUADAS)**

A proposta desse caderno pedagógico visou instaurar a escuta sensível, entre professor e estudantes no que se refere às experiências, de vida, de leitura e escrita. O trabalho textual, em uma perspectiva enunciativa, possibilita a execução de verdadeiros eventos discursivos nas aulas de língua portuguesa: espaços de troca e diálogo mobilizando a leitura e a reflexão a partir do contexto real de aprendizagem, das aprendizagens e subjetividades ali possíveis.

Trabalhar textos diante de sua vitalidade concreta, acopladas às realidades dos discentes e das escolas, tornam os trabalhos de leitura e produção textual mais eficazes e tendem a contribuir para a formação de sujeitos de discursos: capazes de ler, escrever e olhar de forma crítica o meio que vivem.

O cordel é um patrimônio cultural brasileiro pouco trabalhado nas escolas que fazem partes das regiões brasileiras, com exceção no Nordeste. E tem sido pouco manuseado no pensamento curricular. Acredita-se também que o trabalho com gêneros discursivos de autores conterrâneos aos estudantes dará voz a essas literaturas que poucas vezes adentram aos educandários e nossos aprendizes podem se sentir mais representados.

As sugestões de atividade em uma perspectiva pedagógico-dialógica, aqui presentes, podem oportunizar ao professor não apenas um acompanhamento minucioso das atividades realizadas pelos estudantes, todavia, apontam para a ideia constitutiva da linguagem: as pessoas se formam a partir do embate discursivo e se completando com o outro. Ninguém se faz sozinho e nenhum discurso está concluído.

Trabalhar o cordel capixaba a partir da categoria bakhtiniana de enunciado concreto, possibilita diálogos mais profundos com realidade – pois leva-se para sala de aula textos que estão situados geográfica e historicamente e apontam para um trabalho textual mais reflexivo, focando no falar capixaba, assim como na história de nosso povo.

O ensino cordel capixaba não se limita (e não deve se limitar) em decorar métrica e posições de sílabas poéticas, ele é múltiplo podendo (ou não) dialogar com outras disciplinas e gêneros discursivos. Cabe ao professor estar atento a sua realidade e possibilidade para a produção de conhecimento escolar em parceria de seus estudantes. Além de serem divertidas as descobertas, dos professores e seus estudantes, no ensino embasado em autoria capixaba.

Obrigado a Bakhtin por nos apresentar o importante papel constitutivo da linguagem para a formação dos sujeitos, assim como a relevância da concreticidade dos enunciados que perambulam a vida. Os apontamentos aqui não são o fim, mas a abertura da contrapalavra em um eterno embate discursivo.

## GLOSSÁRIO

Bullying: prática rotineira de violência física e psicológica, de uma pessoa ou grupo contra um sujeito que não é aceito ou considerado diferente. A palavra tem origem inglesa e significa “machucar” ou “ameaçar”.

Detrimento: a palavra indica dano ou prejuízo, a expressão “em detrimento” refere-se a algo que é escolhido, diante de outro que foi recusado.

Era Vargas: Período de 1930 a 1945, quando Getúlio Vargas assumiu a presidência do país.

Lei Maria da Penha: Lei 11.340 de 7 de agosto de 2006, a qual criminaliza casos de violência doméstica e intrafamiliar contra as mulheres. A lei recebe popularmente esse nome em homenagem à Maria da Penha Fernandes que ficou tetraplégica por causa das inúmeras tentativas de homicídio que sofreu de seu marido.

Lusitano: refere-se à Lusitânia, na Antiguidade compreendia região oeste da Península Ibérica – região que corresponde a Portugal, por isso, é um termo que também se refere aos habitantes ou produções portuguesas.

Pedra Branca: comunidade pertencente ao município de Domingos Martins, região centro serrana do Espírito Santo.

Presepada: confusão, escândalo.

Repentista: poeta popular que recita rimas de improviso, *de repente*.

Rock: festa, balada, social – independente da música que toca no evento, inclusive não precisa nem ter música para o capixaba *ir para o rock*.

Sextilha: estrofe de seis versos que na literatura de cordel, comumente, apresenta rimas nos versos pares.

Tipografia: processo técnico-artístico de impressão que envolve a produção gráfica.

Trovadorismo: movimento literário da Idade Média que fundia música com poesia, surgiu na França e se espalhou por toda a Europa. É a primeira escola literária em língua portuguesa.

Weedzão: um dos maiores *streamers* de *Free Fire* do país, e é natural de Conceição da Barra, norte do Espírito Santo.

Xilogravura: técnica artística de impressão que funciona como um carimbo: utiliza-se de uma matriz como molde para reproduzir a imagem cravada em uma superfície, que pode ser de madeira, borracha ou isopor.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

BAKHTIN, Mikhail Mikhaïlovich (Volochinov). **Marxismo e filosofia de linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência de linguagem**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

BAKHTIN, Mikhail Mikhaïlovich. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

EVARISTO, Marcela Cristina. O cordel em sala de aula. In: **Gêneros discursivos na escola**. Brandão, Helena Nagamini. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2018.